

## I

Era o barco. Via-o com o casco branco manchado de parda rugosidade na linha de flutuação, os seus escaleres como berços e, luzindo por cima deles, o oleado cor de breu. Fazia um tempo enxuto, numa tarde que nem era de Verão e em que nem havia o prenúncio desse agreste hálito do equinócio. O barco mantinha-se diante da barra, com a sua majestade confidencial e as suas chaminés mortas. Ao lado dele manobrava a grande lancha do piloto, de regresso a terra, vaporejando as águas com lanços de espuma e como que farejando a pista em que devia ser seguida. O porto, com os guindastes vermelhos reflectindo nas águas um trémulo bico de pássaro *rokh*, o porto picado de iates pequeninos, de veleiros como penas mal aflo-rando o mar, apresentava um ar frívolo e complacente; na língua de areia do molhe norte, onde quebravam pequenas ondas de ventre negro e oleoso, havia dois rapazes, quase nus, e cujas palmas das mãos pareciam extraordinariamente brancas quando as apresentavam para segurar uma bola de carneira molhada; eram banhistas, dos raros que nesse tempo conheciam o abrigo do paredão, ameaçado pelas primeiras bulhas do mar de Outono. O molhe prolongava-se com trilhos onde há muito as vagonetas tinham interrompido o seu rolar manco; ele continuava até uma plataforma desprotegida, de pedras lambidas, verdosas, macias como uma pele de congro. Ali começava, depois dum atropelo de blocos abandonados, de rochedos e de fulgurantes batidas de água, o mar aberto. Via-se então a concha do porto, os cais a que atracavam barcos de recreio com as suas pequenas cabinas recém-pintadas, *yoles* como sapatos de neve e grande

profusão de lanchas cujo roufenho dos motores dali já mal se percebia. Os mastros dos navios de grande calado viam-se também, e o seu cordame e chaminés de barras escarlates causavam uma impressão risonha e desprendida de coisas íntimas e de pequenas vidas que não apetecia realizar. O ar era infinitamente sacudido, vivo e com um quê de traiçoeiro e alegre; aqueles gigantescos degraus partidos, duns fundamentos de obra jamais continuada, exprimiam uma espécie de tentação tresloucada, de experimentar algo que nem era já um risco, mas o encontro definitivo com uma paisagem.

Domingos estava nesse extremo do molhe, parado e sem aparente atenção por tudo o que o rodeava. Era um rapaz de pouco mais de vinte anos, com essa pele branca, esses olhos amoráveis, a compleição ao mesmo tempo atlética e atrofiada que não estranhámos ver em seminaristas; vestia-se com uma modéstia em que se podia notar um certo pedantismo dum condição não o bastante folgada para se descuidar da sua apresentação, mas de qualquer modo impelida por uma exigência de se orgulhar, mais do que da pobreza, do espírito dessa pobreza. De vez em quando olhava para o barco, que recomeçava as suas evoluções comandadas pelo piloto. Havia duas horas que essas manobras se repetiam sem avançarem nada e logrando a expectativa dos que se debruçavam do cais; outros saíam em barcos, ficavam de largo a tentar conhecer nas amuradas aqueles por quem esperavam; mas enquanto a noite não chegasse, enquanto a maré não oferecesse segurança, esse bulício prevenido, essa terna esperança, esse cruzamento de actividade e de monotonia haviam de girar à volta do barco cativo.

Domingos também esperava alguém. Era Yin, uma mulher a quem servia há quase dois anos e a cujos filhos fora ensinando a sua língua, com uma hesitação afectada que a outros olhos mais práticos denunciaria um fundo de ignorância. E não se sabe. Yin era uma mestiça com sangue amarelo e que desempenhava na capital o lugar de sereníssima esposa dum desses pequenos, fugidios, intranquilos diplomatas que representam por si só uma raça de burocratas da inteligência das nações. Ela tinha a curiosidade ativa das pessoas que nunca precisam de aproximar-se das coisas para ter delas informação; desenvolvera um sentido muito delicado que não era ouvido nem vista, mas, em rigor, uma agilidade extrema em apropriar-se das

sensações dos outros sem as corromper. Chegava agora de Inglaterra, duma estadia breve na província com as duas crianças, rapazes que tinham cinco e nove anos e que exibiam, com os cabelos compridos e as blusas de lã branca, essa graça um pouco equívoca de pequenos reis sequestrados. Ela não mandara que Domingos a esperasse, pois gostava de, pela discrição das suas vontades, ser melhor obedecida. Sabia que ele estaria nesse cais que começava a escurecer, com aquele ar de preceptor e um certo agoiro no rosto, que tinha ainda a magreza e o espírito atormentado do adolescente. O mar batia mais forte nos blocos de cimento e nas rochas agulhadas, erguiam-se grandes respingos que recaíam com um estalo de chicotada. Domingos teve medo, e voltou para trás devagar, vendo agora sobre o paredão aparecerem as cristas de água, como uma madeixa atirada no ar; os banhistas já tinham partido dessa praiazinha onde o recorte das ondas depositava detritos. O rapaz chegou-se outra vez ao cais, mas quase nada tinha mudado. Havia um vapor holandês atracado, nos passadiços encostavam-se os marinheiros, com um ar de atenção fria, todos loiros, boçais, com calças azuis escorrendo-lhes dos rins. Havia já luzes nas cabinas, ergueu-se um vento amarelo e lento que fez respirar as flâmulas pontiagudas dos mastros.

— Falta muito para fundear o inglês? — perguntou Domingos, ao acaso.

— Uma meia hora, nem tanto. Já faltou mais... — O homem falava sem o encarar, e a sua roupa azul, surrada, com insígnias nas mangas, tinha um cheiro agradável, de tabaco. Domingos pensou como seria acertado procurar na proximidade do porto uma taberna ou um café onde beber uma cerveja. Era quase noite, alguns tipos da pescaria passavam, com botas de oleado, segurando no canto do lábio o cigarro apagado; os fardos de algodão amontoavam-se pelo cais adiante, assim como pilhas de barris de vinho marcados com letras brancas e automóveis cobertos de pintura protectora e que pareciam lançados na sucata. Tocou uma sereia, a ponte de desembarque dum cargueiro gingava sempre que alguém a atravessava. Domingos levantou a gola da gabardina com um gesto resolutu demais e demonstrando um enfado que não sentia.

Esperou ainda muito tempo, numa pequena tasca que tinha um balcão onde corriam moscas pegajosas e atordoadas; via lá para den-

tro uma sala com aparadores de casa de família, e em cima deles galheteiros e conchas de sal com uma argola entre ambas para meter os dedos, alguns limões nodosos e flores espetadas numa jarra de gargalo muito estreito; eram sécias brancas e cor-de-rosa, que tomavam do bocal com um desprendimento linfático. Sentados a um canto, um marujo e um boletineiro comiam atum, metendo o garfo no mesmo prato e separando pedacinhos como lascas de madeira, quase advertidos dessa penetrante semelhança, brincando um pouco, esfriando a carne avermelhada antes de a engolir com buchas de pão. Comiam e falavam, sem querer porém demonstrar a gula que lhes ia no coração; o pequeno boletineiro suspendia de vez em quando a palavra para aparentar uma sisudez muito camarada, mas de facto sem deixar de visar o prato com olhares que mediam e que reservavam o seu bocado. Domingos distraiu-se um bom pedaço a olhar para eles, a consultar o antro dessa taberna limpa e quase cerimoniosa como uma sacristia, a ver os calendários com a princesa real de Inglaterra vestida de auxiliar dos exércitos, com um uniforme e galões de parada, o sorriso duro e tímido na boca de criança. Isto fez com que se lembrasse, numa forma mais desolada e constante, de Yin, a quem também chamavam «vento jovem». Havia quatro meses, ou quase tanto, que não a via, e ela nunca lhe escrevera. Tinha de lhe dizer que ia deixar o seu cargo, que se matriculara em Filosofia e História e que tencionava ir vê-la de vez em quando; conversariam como sempre, naquele feio salãozinho que tinha nas portas manchas de fumo — ela punha as taças de chá na sua frente e inclinava-se um pouco para lhe dizer que lhe oferecia esse humilde chá cujas grandes folhas se desenrolavam lentamente, como vermes secos, crisálidas que entesouravam uma cor secreta de sol, e tornavam à vida. Há dois anos que isto se passava assim. Yin mostrara-se de trato muito simples, se bem que Domingos não compreendesse nunca os limites que ela punha entre a severidade, a ternura ou a indiferença. Apenas ela sabia a infinita lira de que se servia para construir a graça. «Não tenho de que me queixar» — pensou Domingos. Mas ele sabia por sua vez que, para a expressão das suas queixas, não haveria nunca lira disponível. Quando voltou ao cais, batiam nove horas, e as longas repas de algodão estripadas dos fardos já não se viam; chalupas negras eram apenas massas a que luzes de bordo ou os fracos candeéis-

ros da rua rasgavam os contornos. Havia agora bastante gente que, longe de se expandir, como fizera enquanto era dia, de se interrogar e de pegar numa conversa quase caridosa para com a própria paciência, conservava um ar fechado e não queria reconhecer aqueles mesmos que antes tratava com tanta familiaridade. Um acontecimento muito desejado torna ciumentas dele as pessoas que, se o partilharam como expectativa, não querem ceder uma parte quando ele já é realidade. No fim de contas, foi apenas a sua solidão que se dissipou, e tratam como inimigos aqueles que há bem pouco tempo eram confidentes. Diante dos factos enfim chegados, dos amigos que puderam apertar contra o peito, os outros são como intrusos, como algo com que se repartiu injustamente um sentimento exigido agora por inteiro para maior plenitude da felicidade que gozam. Os que viram lágrimas nos seus olhos, apenas vêem que esses mesmos olhos se escapam dos seus; se aceitaram ou dispensaram o seu consolo, agora só encontram um trejeito de aborrecimento e um cumprimento afectado. Os felizes não têm amigos — têm amores somente.

Descia agora Yin, com a sua capa de chuva e os olhos baixos pousados nas travessas da ponte; as crianças seguiam-na, uma delas ao colo dum homem, trazendo uma boina escocesa e compridos caracóis pretos a caírem-lhe nos olhos; o outro menino desceu sozinho e sorriu como que ressentido quando Domingos o tomou nos braços. Parecia contente mas intrigado com tudo quanto via. Yin disse a Domingos que o pousasse, que ele estava muito crescido, esse rapazinho fino como um junco e que não fazia um movimento para se opor às carícias do seu antigo amigo, mas que também não as retribuía.

— Seu marido não pôde vir, bem sabe... — murmurou Domingos. Aquilo tinha um tom contrariado; Yin percebeu que antes de tudo ele quisera sacrificar-se nessa viagem ao Norte, onde a veria a sós, depois de quatro longos meses de separação. Sem sorrir, apresentou-lhe a mão com um movimento que não era quase nada, mas que exprimia uma felicidade perigosa. O homem que a seguira pousou ao seu lado a criança mais nova, e os olhares de ambos tocaram-se, o dele agudo sem chegar a ser impertinente, um olhar que Domingos muito bem conhecia, duma violência triste, pois na tristeza está sempre o segredo da violência. Voltou ligeiramente a cara, mas já o outro o reconhecera.